





***Tourou e Bitti:
os tambores de outrora***

JEAN ROUCH

Resumo: Transcrição da tradução brasileira, de Elisa Marques, do comentário *over* escrito e proferido por Jean Rouch em *Tourou et Bitti: os tambores de outrora*, curta-metragem de 1971, considerado uma de suas obras-primas. Além da elegância e da beleza de sua prosa, o texto traz um exemplo significativo de uma clara mudança de postura do cineasta em seus filmes etnográficos. Em sua fase madura, à diferença do que ocorria em seus primeiros filmes, o cineasta se permite falar em primeira pessoa e empregar o pronome pessoal “*eu*”, assumindo assim a subjetividade do seu ponto de vista, sem prejuízo da precisão de sua descrição etnográfica.

Abstract: Brazilian translation, by Elisa Marques, of the commentary *over* written and spoken by Jean Rouch in *Tourou et Bitti: les tambours d'avant* (1971), a short film considered as one of his masterpieces. Besides the elegance and the beauty of its prose, the text illustrates a shift in the position of the film-maker in his ethnographical films. In his late period, unlike his first films, he accepts talking in first person, using the pronoun “*I*”, in order to assume the subjectivity of his approach, but keeping the precision of his ethnographical description.

Résumé: Transcription de la traduction brésilienne, par Elisa Marques, du commentaire *over* écrit et proféré par Jean Rouch dans *Tourou et Bitti: les tambours d'avant*, court-métrage de 1971, considéré comme l'un de ses chefs-d'oeuvre. Outre l'élégance et la beauté de sa prose, le texte constitue un exemple remarquable d'une inflexion nette de la posture du cinéaste dans ses films ethnographiques. Dans sa période mûre, à la différence de ce que l'on voyait dans ses premiers films, le cinéaste se permet de parler en première personne et d'employer le pronom “*je*”, en assumant ainsi la subjectivité de son point de vue, sans perdre pour autant la précision de sa description ethnographique.

Tourou e Bitti: os tambores de outrora

Em 11 de março de 1971, após três anos de carestia, os habitantes do vilarejo de Simiri, no Zermaganda, no Níger, organizam uma dança de possessão para pedir aos espíritos da savana proteção para as colheitas futuras contra as pragas de gafanhotos. No dia 15 de março, Daouda Sorko, filho do sacerdote zima responsável, Daouda Sido, nos pediu para assistir ao quarto dia da cerimônia, para a qual eles haviam solicitado os tambores arcaicos, *Tourou* e *Bitti*. No final da tarde, nenhum dançarino tendo sido possuído, o engenheiro de som Moussa Hamidou, e eu mesmo com a câmera, decidimos realizar, apesar de tudo, um plano seqüência de uns dez minutos a fim de conservar um documento filmado em tempo real sobre esses tambores de outrora, que muito em breve se calariam para sempre. Assim, foi realizado este ensaio de cinema etnográfico em primeira pessoa.

Entrar num filme é mergulhar na realidade, estar ali ao mesmo tempo presente e invisível. Como às quatro horas dessa tarde, quando eu seguia o zima Daouda Sido, que nos aguardava à entrada de sua concessão.

Passamos ao lado do rebanho de carneiros e cabras rituais que serão um dia sacrificados aos espíritos vestidos de preto, branco ou vermelho. Passamos ao lado do espaço onde estão os cavalos dos espíritos. No meio do pátio, em frente à orquestra, dança o velho Sambou Albeidou, do vilarejo de Simiri.

Ele dança há quatro horas, nada aconteceu ainda. Lentamente o seguimos, passo a passo. E nos aproximamos da orquestra, a orquestra de *Tourou* e de *Bitti*. Ao redor do violinista Audié Kaina, do vilarejo de Sedisé, três batedores de tambores fixos, os gangas, sustentam o ritmo dos batedores de *Tourou*, grandes cabaças esticadas com pele de carneiro.

Sambou cumprimenta o violinista e atrás dele vemos o tocador de *Bitti*, esse longo tambor grave, cuja pele, coberta de tutano de boi, é adornada de pérolas que levam diretamente a música ritual à orelha dos deuses.

E de repente a orquestra para. Nós deveríamos ter parado

de filmar também, mas sabíamos que algo poderia acontecer. Um tocador de *Tourou* assoa o nariz. Eu me aproximo do tocador de *Bitti* e ouvimos os gritos:

- Carne, carne!
- *Kuré* hiena, eis a carne.

A hiena é Toto, e agora não é mais Sambou Albeidou, o agricultor de Simiri. É *Kuré*, *Kuré*, a Hiena, o espírito de Haoussa.

Kuré avança a passos lentos enquanto uma mulher, Tusinye Wasi, do vilarejo de Simiri, vem dançar em frente à orquestra.

Agora eu sigo o espírito *Kuré*, que se aproximou de Daouda Sorko.

- Carne, carne, *Kuré*. A partida não é para ti.
 - Eu quero partir, diz *Kuré*.
 - Eis a carne, eis a faca.
 - Queremos erva, somente erva, *Kuré*.
- Erva quer dizer boa colheita.
- Erva, erva. É tudo o que queremos.
 - Eu quero partir, respondeu *Kuré*, que sai em direção à orquestra.

A velha Kumbaw, de Simiri, sacerdotisa dos espíritos das colheitas, saúda Daouda Sorko.

- Feiticeiro, filho de feiticeiro, ancestral de feiticeiro. Meu poder é maior que o dos Marabouts.
- Eu não comi, diz *Kuré*.
- É mesmo? Você não comeu?

E é a vez de Tusinye Wasi ser possuída. Ela grita. Ela não é mais a dona de casa de Simiri. É Hadyo, a cativa peul. Os meninos e meninas das escolas vieram ver como dançam suas mães, seus pais, suas avós e seus avôs.

- A partida não é para ti, *Kuré*.
 - Eu quero carne agora mesmo!
- É sangue o que ele quer. Ele quer uma cabra.

Uma mulher tranquila se aproxima de Hadyo. Ela enrola uma canga em torno de sua cintura. Os velhos estão agora em frente à orquestra.

- Eis a faca, eis a carne, *Kuré*. A partida não é para ti.
E Daouda Sorko borrifa nos velhos e na orquestra o perfume
Haoussa.

Pai de feiticeiro, avô de feiticeiro. Os velhos agora aguardam os sacrifícios. Eu deveria ter continuado a filmar, mas eu quis fazer um filme que retomasse o início da minha história. E me afastei lentamente para ver o que viam as crianças das escolas. Esta pequena praça do vilarejo sob o último raio do sol onde, ao longo de uma cerimônia furtiva, os homens e os deuses falavam das colheitas por vir.

Tradução de Elisa Marques